



**CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS
COORDENAÇÃO DO TRABALHO ACADÊMICO ORIENTADO**

ALINE RODRIGUES DE SALES

**VARIACÃO LINGUÍSTICA E ENSINO: ASPECTOS
HISTÓRICOS E SOCIAIS**

GUARABIRA – PB

2014

ALINE RODRIGUES DE SALES

**VARIACÃO LINGUÍSTICA E ENSINO: ASPECTOS
HISTÓRICOS E SOCIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em cumprimento aos requisitos para obtenção do grau de Licenciado em Letras, a Universidade Estadual da Paraíba sob orientação da Prof^a Edilma Catanduba.

GUARABIRA – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S163v Sales, Aline Rodrigues de
Variação linguística e ensino: [manuscrito] : aspectos históricos e sociais / Aline Rodrigues De Sales. - 2014.
27 p. : il.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.
"Orientação: Edilma de Lucena Catanduba, Departamento de Letras".

1. Variação Linguística. 2. Gêneros Textuais. 3. Ensino de Linguística. I. Título.

21. ed. CDD 410

ALINE RODRIGUES DE SALES

**VARIACÃO LINGUÍSTICA E ENSINO: ASPECTOS
HISTÓRICOS E SOCIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em cumprimento aos requisitos para obtenção do grau de Licenciado em Letras à Universidade Estadual da Paraíba sob orientação da Prof^a Edilma de Lucena Catanduba.

Aprovada em, 07 de julho de 2014

COMISSÃO EXAMINADORA



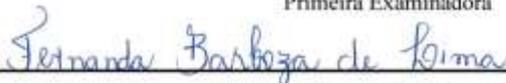
Prof^a. Dra. Edilma de Lucena Catanduba

Orientadora



Prof^a. Dra. Maria de Fátima de Sousa Aquino

Primeira Examinadora



Prof^a. Dra. Fernanda Barbosa de Lima

Segunda Examinadora

Guarabira – PB

2014

Dedico este trabalho a minha mãe, Dilene Luis da Paz Silva, por ter me ensinado sempre a ser forte, perseverante e principalmente por ter me ensinado a importância da fé para alcançar meus objetivos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, em quem eu busquei forças e incentivo em meio a tantas dificuldades e a correria do cotidiano.

Aos colegas de curso das turmas por onde passei nesses quatro anos e principalmente àqueles que se fizeram inesquecíveis como Pretinha, Josinaldo Monteiro, Ceiça, Edilma, Ilma e Angélica Denise que mesmo longe estão guardados nas minhas melhores lembranças.

A toda equipe de professores com quem tive o prazer de aprender não apenas disciplinas, mas também valores que levarei pra toda a vida. Foram estes, verdadeiros mestres.

À professora Edilma Catanduba. Desde as primeiras aulas a escolhi para ser minha orientadora e mesmo com tantos projetos e trabalhos ela fez questão de deixar sempre um pouco do seu tempo para minhas orientações. Sempre com seu jeito tranquilo, aos poucos ela me passava toda a segurança que eu precisava para a conclusão da minha pesquisa.

Minha infinita gratidão a minha família porque a família é o berço de toda construção e vitória de um ser.

Também a todas as pessoas que mesmo indiretamente tiveram participação na construção dessa minha vitória.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1.0 INTRODUÇÃO..... | 07 |
| 2.0 REVISITANDO A TEORIA..... | 08 |
| 2.1 A QUESTÃO DA VARIAÇÃO..... | 08 |
| 2.2 OS GÊNEROS TEXTUAIS..... | 11 |
| 3.0 ANÁLISE DOS DADOS | 14 |
| 3.1 O GÊNERO TEXTUAL HISTÓRIAS EM QUADRINHOS (HQs) | 14 |
| 3.2 O GÊNERO POEMA..... | 23 |
| 3.3 O POEMA DE PATATIVA DO ASSARÉ (O POETA DA ROÇA)..... | 24 |
| 4.0 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA ESCOLA..... | 26 |
| 5.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 28 |
| REFERÊNCIAS | 29 |

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO: ASPECTOS HISTÓRICOS E SOCIAIS

Aline Rodrigues de Sales- UEPB

RESUMO

O presente trabalho objetiva fazer uma reflexão sobre questões relacionadas às variações linguísticas, sua relação com a sociedade e a inserção de uma abordagem adequada da variação linguística no âmbito do ensino da língua portuguesa. A partir da análise de dados coletados em gêneros textuais escritos e orais, buscamos compreender as evoluções que ocorrem na língua a partir de uma perspectiva diacrônica e Sociolinguística. Tomamos como referencial teórico Coutinho ([1976] 2014), no tocante aos estudos da evolução da língua na passagem do latim vulgar para o português. Nos apoiamos nos estudos de Bagno (1999, 2002, 2007) para compreender a questão das variações linguísticas no que diz respeito ao preconceito que as variações não-padrão sofrem. Com as contribuições de Bortoni-Ricardo (2004) refletimos sobre o trabalho com a língua materna em sala de aula e em Marcuschi (2008) encontramos contribuições para fazer uma análise sociointerativa dos gêneros no contínuo fala-escrita.

PALAVRAS CHAVE: Variação Linguística, gêneros textuais, ensino.

INTRODUÇÃO

A linguagem verbal é um fenômeno humano que possibilita as interações sociais. No rol destas interações, a linguagem vai passando por transformações relacionadas aos contextos interacionais daqueles que a utilizam. Tais transformações da língua podem ser percebidas no interior de uma mesma língua, ou de uma língua para outra. Neste artigo, buscamos compreender como ocorrem estas evoluções e as relações destas com o contexto social dos sujeitos envolvidos e com os gêneros textuais nos quais são veiculadas. Nosso corpus de análise é a escrita das palavras nas comunicações via internet, em histórias em quadrinhos, letras de música. Tomamos como referencial teórico estudos do campo da Linguística Histórica, da Sociolinguística e pesquisas sobre os gêneros textuais. Trazemos para o nosso texto a voz de pesquisadores como Coutinho, Bagno, Bortoni-Ricardo, Marcuschi entre outros.

Nosso interesse por esta temática justifica-se porque o professor de Português precisa estar atento aos contextos de interação comunicativa dos alunos, aos gêneros que fazem parte do cotidiano dos mesmos. Deve observar as transformações ou evoluções da língua que se evidenciam nestes contextos. Uma vez que tais produções cumprem um papel comunicativo eficaz, as palavras que aparecem fora do padrão da escrita regular merecem atenção para que se possa compreender as razões linguísticas que asseguram a comunicação, a elaboração e manutenção do sentido e ao mesmo tempo permitem o movimento evolutivo.

A pesquisa está dividida em três partes. No primeiro tópico visitamos os aportes teóricos que norteiam nosso trabalho. Na sequência, analisamos os dados coletados. E no terceiro momento, tratamos da inserção da abordagem da variação linguística no ensino fundamental, no sentido de mostrar a importância da abordagem da variação no ambiente escolar.

2.0 REVISITANDO A TEORIA

2.1A QUESTÃO DA VARIAÇÃO

Se entendermos como língua um código do qual nos servimos para nos comunicar, é justamente, essa comunicação que deve ser estudada. Segundo Bagno (2002, p.25) “A língua se dá e se manifesta em textos orais e escritos ordenados e estabilizados em gêneros textuais para uso em situações concretas”. Ou seja, os textos orais e escritos devem servir como base para o estudo de nossa língua, e devem ser levados em consideração contextos onde tais textos são encontrados em sua real utilização.

Quando a escola ignora a realidade, os interesses dos alunos e as variedades linguísticas inerentes a estes realiza um trabalho com a língua idealizada. Sobre essa questão, Bagno (2002, p. 31) advoga:

É inegável, portanto, a necessidade de uma *revisão crítica* da NP, para que ela, na condição de *referência* para determinados usos da língua (mais monitorados e formais), se aproxime mais da *realidade linguística culta falada e escrita hoje no Brasil*.

A realidade linguística da qual Bagno fala é perpassada pelas variações. Para compreendê-las é preciso levar em consideração as transformações econômicas, históricas, sociais, nas quais a sociedade e os sujeitos que dela fazem parte estão envolvidos.

A colonização, a globalização e os fluxos migratórios fizeram de nosso país, o país das diversidades étnicas, culturais, históricas e também linguísticas. As variações linguísticas correspondem ao uso de diversas variantes dentro de uma mesma língua e ocorrem em todos os níveis e classes sociais, faixas etárias, regiões do país, classes profissionais etc. A variação linguística está intrinsecamente ligada à identidade cultural devendo ser valorizada dentro de uma educação linguística voltada para a construção da cidadania. Jamais deve servir de meio para discriminação dos falantes. E para evitar a discriminação faz-se necessário um conhecimento cada vez maior e mais profundo acerca da evolução da língua. As pesquisas da Sociolinguística e o estudo diacrônico da língua podem nortear a compreensão urgente e necessária do fenômeno da variação.

Do ponto de vista sociolinguístico, compreende-se que mesmo num país como o Brasil, onde é facilmente visível a diversidade, ainda existe e, em grande escala, muito preconceito em relação à variação linguística. Uma das regiões que mais sofre com o preconceito linguístico é a região nordeste. O valor atribuído a um dialeto falado numa região obedece a diversos fatores, dentre eles, fatores políticos e econômicos inerentes a essa região. O valor dado às variações, de estigma ou de prestígio, na verdade é dado ao falante que se utiliza delas. Existe uma tendência preconceituosa a se valorizar aquilo que pertence às classes sociais “mais elevadas”. Assim, a linguagem do indivíduo de classe social “inferior” tem menos prestígio. Sobre esta questão Bortoni-Ricardo (2004, p.33) reconhece que a língua está em constante mudança em conexão com as mudanças que envolvem a vida dos sujeitos que a utilizam e afirma que,

[...] Ser nordestino, ser mineiro, ser carioca etc. é um motivo de orgulho para quem o é, e a forma de alimentar esse orgulho é usar o linguajar de sua região e praticar seus hábitos culturais. [...]

Faz-se necessário que o professor de língua, antes de tudo, conscientize seus alunos de que cada variante tem seu valor social e que as pessoas não podem ser excluídas socialmente por não utilizarem as variantes mais prestigiadas da sociedade. A linguagem não pode continuar a servir de instrumento de distinção social.

Além dos fatores sociais, o tempo também influencia na variação linguística. O estudo da língua na perspectiva diacrônica da gramática histórica torna possível comparar e observar a transformação do português arcaico para o português contemporâneo. As mudanças fonológicas da língua nos instigam a investigar as causas do desaparecimento de fonemas nas palavras, a redução do uso de determinadas palavras ou mesmo o seu desuso. De modo geral, pode-se afirmar que a língua sofre constantes modificações para atender as necessidades dos seus falantes ao longo do tempo.

Bagno (1999, p.57) exemplifica bem essa questão no quadro abaixo.

| PORTUGUÊS PADRÃO | | ETIMOLOGIA | ORIGEM |
|------------------|---|------------|-----------|
| branco | > | blank | germânico |
| brando | > | blandu | latim |
| cravo | > | clavu | latim |
| dobro | > | duplu | latim |
| escravo | > | sclavu | latim |
| fraco | > | flaccu | latim |
| frouxo | > | fluxu | latim |
| grude | > | gluten | latim |
| obrigar | > | obligare | latim |
| praga | > | plaga | latim |
| prata | > | plata | provençal |
| prega | > | plica | latim |

O quadro mostra a transformação de uma mesma palavra de sua língua original para a forma padrão da língua portuguesa, chamando a atenção especificamente para a transformação do *|l/ em |r/*. Sob o ponto de vista da gramática histórica, essa troca se dá porque estas consoantes têm um traço comum. Ambas são laterais e incide sobre elas o fenômeno do rotacismo. Portanto essa troca é linguisticamente explicável. O autor mostra que todas as formas de expressão verbal têm uma lógica perfeitamente demonstrável. As variações não são frutos de erros, mas de escolhas linguísticas feitas pelos falantes de acordo com sua realidade e necessidade social no quadro das possibilidades que o funcionamento do sistema da língua oferece.

A língua é um fenômeno social, complexo e dinâmico, que tem seu valor atribuído, culturalmente, de acordo com vários critérios relacionados aos seus falantes, mas é preciso ressaltar que nenhum desses critérios deve ser utilizado para classificar um falante como superior ou inferior a outro. Além disso, como é dinâmica e dependente de seus falantes, a língua se adequa às necessidades dos mesmos e tem muitas de suas regras substituídas e transformadas em função dos novos usos que são incorporados constantemente. Assim ocorrem as evoluções.

2.2 OS GÊNEROS TEXTUAIS

As evoluções podem ser plenamente percebidas quando observamos textos escritos em épocas diferentes, contextos sociais distintos e em gêneros textuais diversos visto que os gêneros são elaborados no quadro das necessidades dos falantes.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais como referencial nacional para o ensino reconhecem a importância do ensino dos gêneros e através deles. O trabalho com os gêneros justifica-se por estes constituírem uma fonte diversificada de discursos. São unidades de análise do funcionamento da língua que o professor pode utilizar também para análise da variação linguística.

Como aponta Marcuschi (2008, p.16), “assim como a língua varia, também os gêneros variam, adaptam-se, renovam-se e multiplicam-se”. A visão preconceituosa sobre a língua que conflitua a compreensão sobre a variação também incide sobre a classificação dos gêneros existentes em gêneros de maior ou menor prestígio, assim, como ocorre com as variantes da língua. Como consequência disso, uma imensa variedade de gêneros deixam de ser estudados nas escolas. Algumas escolas se limitam à abordagem e estudo, por exemplo, dos gêneros literários, em especial o estudo das obras clássicas.

Muitas vezes, gêneros escritos que também apresentam traços característicos de língua oral, como os quadrinhos são estigmatizados pela escola devido ao preconceito contra a língua falada. Isso impossibilita a interação entre o gênero e o leitor. Impede que o leitor, no contexto da escola, tenha a oportunidade de escolher e se interessar por determinados gêneros que oferecem uma linguagem rica em variedades discursivas.

É necessário que a escola reconheça ambas as modalidades oral e escrita como manifestações da língua que cumprem seu papel no que se refere às interações verbais. Cada uma das modalidades tem sua importância na língua e suas especificidades. Uma não pode servir de modelo para outra, pois elas derivam e propiciam modos diferentes de se relacionar com o mundo.

A intensidade dos usos da tecnologia e a interferência desta nas atividades comunicativas diárias fizeram surgir diversos novos gêneros, a exemplo daqueles cujos suportes são a internet. *Blogs, e – mails, twitters, chats* etc. exemplificam tais gêneros. Como afirma Marcuschi (2002, p.19):

...Os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação.

Têm surgido novas práticas linguísticas em função do espaço para a escrita, do interlocutor, do tempo para envio e recepção de mensagens. Estes fatores influenciam na forma da escrita. O escritor economiza nas letras, principalmente nas vogais, utiliza caracteres na tentativa de demonstrar emoções, dentre outras estratégias.

O quadro abaixo exemplifica a questão. Contém palavras retiradas de comunicações em contextos virtuais da internet (conversas no Facebook). Mostra que os gêneros são sensíveis à realidade atual e nos permite perceber como estas palavras evoluem no “internetês” como tem sido denominada a linguagem utilizada na internet. Podemos observar, por exemplo, que neste ambiente de interação, as vogais tendem a cair.

| Língua portuguesa | Linguagem da internet |
|--------------------------|------------------------------|
| Que | Q |
| Você | Vc |
| Cadê | Kd |
| Contigo | Cntg |
| Comigo | Cmg |
| Para | P/ |
| Não | Ñ |
| Obrigado | Obg |
| Mensagem | Msg |
| Beijo | Bj |

Essas organizações caracterizam o gênero “conversa no facebook” nos revelando sua dinamicidade no sentido de permitir uma interconexão da fala com a escrita como afirma Bagno (2002, p. 34):

A comunicação eletrônica via internet vem tornando cada vez mais difícil a delimitação entre o que, tradicionalmente, só era admitido na língua falada e o que era cobrado na língua escrita: existe uma mescla cada vez maior entre os gêneros textuais, além da proliferação de novos gêneros [...]

Existem características próprias para cada uma dessas duas modalidades, mas fala e escrita se interpenetram na comunicação cotidiana especialmente na internet. Exatamente por isso é que se deve reconhecer o valor de cada uma na sociedade.

A oralidade tornou-se o foco de análises preconceituosas em relação aos seus falantes na sociedade. Devemos nos lembrar de que as variações ocorrem tanto na fala quanto na escrita. Ou seja, a língua varia tanto na sua modalidade falada quanto na

modalidade escrita a depender das exigências do ambiente e do contexto de uso. Diante dos conceitos e dos preconceitos referente às duas modalidades da língua, Marcuschi (2008) propõe que cada uma tem sua importância e sua especificidade. Tomemos como exemplo, o fato de que a oralidade pode se utilizar de recursos que são impossíveis à escrita, como é o caso dos gestos e expressões faciais, enquanto que a escrita exige principalmente a observação das regras normativas que devem assegurar a interação comunicativa.

A oralidade ao lado da escrita cumpre seu papel comunicativo e não há supremacia social e cognitiva da escrita sobre a oralidade. Ambas se organizam em gêneros que terão significado de acordo com a função comunicativa a ser alcançada. Um enunciado escrito passa a ser texto/discurso quando cumpre sua função comunicativa.

Encontramos no cotidiano demonstrações de que a língua falada pode cumprir seu papel comunicativo com eficácia, mesmo sem atender as prescrições normativas rigorosamente, encontramos também críticas ao fato de esperar-se que na Língua Portuguesa a fala seja o mais próximo a escrita.

Após esta abordagem dos princípios teóricos que fundamentam a pesquisa, passamos para a análise dos dados.

3.0 ANÁLISE DOS DADOS

Para o alcance dos objetivos propostos nos detivemos às análises dos gêneros histórias em quadrinhos (HQs) e do gênero poema. Escolhemos os quadrinhos de Chico Bento, especificamente a edição “Chico Bento em os três desejos” e o poema “O poeta da roça” de Patativa do Assaré. Estes foram escolhidos porque já são encontrados com frequência nos livros didáticos, isto permite que lancemos o olhar não apenas para a análise linguística mas também para a forma como está sendo conduzido o estudo da variação linguística em sala de aula.

3.1 O GÊNERO TEXTUAL HISTÓRIAS EM QUADRINHOS (HQs)

As histórias em quadrinhos são narrativas com desenhos sequenciais que podem ser acompanhadas de textos curtos onde os personagens dialogam entre si. Estas começaram a ser publicadas no Brasil no século XIX e logo ganharam desenhos com

temas de sátira, política e social. O autor de histórias em quadrihos mais conhecido hoje no Brasil é Maurício de Sousa que começou a desenhar histórias em quadrinhos em 1959 e é criador da turma da Mônica, da turma do Chico Bento e de vários universos de personagens que criou inspirado em seus dez filhos e em amigos de infância.

Antes de nos aprofundarmos em questões relativas ao Gênero HQs, convidamos o leitor a uma leitura prazerosa da historinha.

Chico Bento em
OS TRÊS DESEJOS







"ANTES DE NOS QUEBRARMOS NO CHÃO, APARECEU UM CHAPEU DE PALHA QUE NOS SALVOU!"

"DEPOIS O NOSSO NIÑO FOI COLOCADO NUM GALHO MAIS FORTE E PROTEGIDO!"



"É, MERMO! TÔ MI ALEMBRANDO DISSO!"

"VOCÊ NOS SALVOU!"

"E ESTAMOS AQUI TE PARA RECOMPENSAR!"

"CONCEDENDO A VOCÊ TRÊS DESEJOS."



"PEGUE ESSAS TRÊS PENAS!"



"DESEJE O QUE VOCÊ QUISER...
...E DEPOIS JOGUE A PENHA PRA CIMA QUE O DESEJO VAI SE REALIZAR!"



"VÔ GUARDA AQUI DENTRO DO MEU CHAPEU!"

"SÓ MAIS UMA COISA..."



"..."



"QUI DOUBERA, SÓ!"

"SI EU CONTA, NINGUÉM VAI QUERER DITÁ!"

"SÓ VAI AUMENTA' MINHA FAMA DI LORO-TERO!"



"MAIS SI FOR VERDADE? EU POSSO TIRÁ UM DEIZ NA PROVA DI MATEMATICA DI AMANHÁ!"



"NHÔ ISA'Á, O QUI ACONTECEU PRO SINHOR TÁ CUM ESSA CARA?"



"EU TAVA LEVANDO UM CARREGAMENTO DI LARANJA PRA CRECHE DA VILA, MAIS A RODA QUEBROU!"

"SI EU NUM DÉ UM JEITO AS LARANJA VÃO ESTRAGA, LAS CRIANÇA VÃO FICA' SEM A MERENDA!"



"JÁ TENEI USA O CELLULAR PRA PIDI AJUDA, MAIS TÁ SEM O TAR DI SINAR!"



"VÔ TENTÁ DI NOVO!"







Alguns livros didáticos utilizam os quadrinhos de Chico Bento escritos por Maurício de Sousa, na perspectiva de fazer uma analogia com a linguagem do povo “menos prestigiado socialmente” e com “baixo nível de escolaridade”, como exemplo de uso inadequado, “errado”, da língua. Isso gera problemas. Nos quadrinhos, Chico Bento é um menino da Zona Rural que ao falar utiliza variações diferentes da linguagem culta padrão. Este fato caracteriza um preconceito linguístico sob dois aspectos. Cria no leitor a impressão de que a variação linguística é um “problema”. E que isto só ocorre com indivíduos pertencentes à zona rural, pobres e analfabetos.

É preciso lembrar que as historinhas do Chico Bento são textos que resultam de um trabalho estético com a linguagem oral que tenta reproduzir e mostrar de uma forma lúdica a linguagem e a vida das pessoas que vivem na zona rural, por isso nas HQs a escrita das palavras é feita como elas são pronunciadas. De modo geral, as HQs foram

criadas para encantar as crianças, para gerar prazer, e não preconceitos, como temos encontrado em algumas abordagens.

No caso das HQs, vale lembrar, porém, que por serem criações artísticas os autores de histórias em quadrinhos não são obrigados a terem reais intenções de representar rigorosamente o falar característico de comunidades específicas como a da zona rural. Encontraremos nas histórias em quadrinhos, variações que podem ocorrer no Brasil inteiro, não somente na zona rural. Isto descaracteriza o estudo das HQs para fins de análises da variação linguística exclusiva do falar rural. As HQs de Chico Bento constituem um corpus importante para a análise linguística, por conter, como dito antes, variações presentes em todo o território brasileiro, inclusive nas zonas rurais.

Para mostrar que as variações linguísticas do Chico Bento tem fundamentos perfeitamente demonstráveis e que “nada na Língua é por acaso”, como afirma Bagno (2007), fazemos uma abordagem diacrônica da língua. A intenção é mostrar que muitas elaborações linguísticas vieram do latim, de onde se originou o Português, perpassaram gerações e chegaram até nossos dias, preservadas na cultura, não se constituindo “erros”, mas vestígios de estágios determinados da evolução da língua mãe.

Nesta perspectiva, a reflexão que propomos aqui auxilia no processo de desmistificação de certas ideologias sobre as variações, como a ideologia de que ela resulta do “erro”. Não podemos endossar o preconceito que uma análise equivocada pode gerar.

No quadro abaixo apresentamos algumas variações encontradas no episódio das historinhas do Chico Bento, chamado “Chico Bento em Os três desejos”. É importante ressaltar que as exemplificações dadas na coluna dos comentários são analógicas aquelas apresentadas por Coutinho (1976) para casos semelhantes, Bagno (2007) e Bortoni – Ricardo (2004).

| QUADRO DAS EVOLUÇÕES FONÉTICO/FONOLÓGICAS | | | |
|--|-------------|----------------------|--|
| VARIAÇÃO | PAG. | LÍNGUA PADRÃO | COMENTÁRIOS SOBRE A VARIAÇÃO |
| <i>lasquera</i> | 03 | lasqueira | Os ditongos /ei/ e /ai/ seguidos dos fonemas /r/, /n/,/j/, e /x/ tendem a ser reduzidos, tornando-se vogais simples /e/ e /a/. |
| <i>doidera</i> | 07 | doideira | |
| <i>lorotero</i> | 07 | loroteiro | |
| <i>ligero</i> | 08 | ligeiro | |
| <i>brincadera</i> | 09 | brincadeira | |

| | | | |
|------------------|----|------------|--|
| <i>guardá</i> | 06 | guardar | É um traço característico de todas as variedades linguísticas brasileiras a redução do /r/ final dos verbos no infinitivo e de diversas palavras terminadas em /r/. |
| <i>contá</i> | 06 | contar | |
| <i>corrê</i> | 08 | correr | |
| <i>construi</i> | 09 | construir | |
| <i>tirá</i> | 03 | tirar | |
| <i>tê</i> | 03 | ter | |
| <i>aumentá</i> | 07 | aumentar | |
| <i>usá</i> | 07 | usar | |
| <i>tentá</i> | 07 | tentar | |
| <i>querditá</i> | 06 | acreditar | Os exemplos mostram que as vogais pretônicas iniciais desapoiadas caíram e houve a eliminação do /r/ final do infinitivo no verbo acreditar e no caso de <i>gardecida</i> o /r/ se desloca por metátese para junto da consoante anterior. |
| <i>brigado</i> | 08 | obrigado | |
| <i>gardecida</i> | 12 | agradecida | |
| <i>quebrô</i> | 07 | quebrou | Observamos uma redução de ditongo a vogal simples. Essa redução revela-se como uma tendência observada na passagem do latim para o português. A pronúncia do ditongo só é mantida em situações escritas ou de muito monitoramento da fala. |
| <i>vô</i> | 06 | vou | |
| <i>chamô</i> | 04 | chamou | |
| <i>consertô</i> | 08 | consertou | |
| <i>o tar</i> | 07 | o tal | Encontramos a troca de /l/ por /r/ em encontros consonantais ou em final de sílabas. Essa tendência latina foi denominada, Rotacismo. |
| <i>sinar</i> | 07 | sinal | |
| <i>arguma</i> | 05 | alguma | |
| <i>maravia</i> | 08 | maravilha | Ocorre a vocalização da consoante palatal /lh/. |
| <i>veia</i> | 09 | velha | |
| <i>ocê</i> | 08 | você | O pronome de tratamento <i>ocê</i> deriva do tratamento antigo “ <i>Vossa Mercê</i> ” que obedeceu aos seguintes processos de redução: <i>vossa mercê</i> > <i>vosmecê</i> > <i>você</i> > <i>(o)cê</i> . |
| <i>dispois</i> | 08 | depois | Excepcionalmente se encontra /e/ representado por /i/, e quanto ao /s/, explica-se sob o ponto de vista histórico que a palavra <i>depois</i> se formou da junção de três palavras latinas: <i>de+ex+post</i> isso pode ser a causa da presença do /s/ na forma rural. |
| <i>outro</i> | 09 | outro | Ocorreu a passagem de /ou/ para /o/. Sob o ponto de vista histórico a monotongação pode ter se |

| | | | |
|---|----------------------------|------------------------------|--|
| | | | iniciado ainda em Portugal, no século XVIII. |
| <i>bão</i> | 08 | bom | O ditongo /ão/, em português, era representado no português arcaico por/om/, isso explica essa variação. |
| <i>istudá</i> <i>istragada</i> | 12 05 | estudar estragada | O grupo /st/ faz parte dos grupos consonantais impróprios, que no início das palavras tomam um /e/ prostético. Nas inscrições do latim vulgar aparece, um /i/ antes desses grupos para maior facilidade da pronúncia: iscola. Mais tarde é esse /i/substituído por /e/: escola |
| <i>inté</i> | 12 | até | Forma arcaica da preposição até |
| <i>drento</i> <i>perciso</i> <i>vredade</i> | 06 03 07 | dentro preciso verdade | Ocorre o deslocamento do/r/ que se desloca por metátese para junto da consoante anterior. Trata-se de uma tendência da língua portuguesa à formação de encontros consonantais. |
| <i>alembro</i> | 05 | lembro | Vogais pretônicas iniciais desapoquiadas tendem a cair |
| <i>di</i> <i>qui</i> <i>i</i> <i>mi</i> <i>si</i> | 03 03 04 04 07 | de que e me se | Por influência da semivogal /i/ as vogais médias /é/ e /ê/passaram a ser vogal alta /i/. |
| <i>treis</i> <i>deiz</i> <i>feiz</i> <i>mais</i> | 05 07 08 03 | três dez fez mas | Após a vogal /e/ aparece um som fricativo e este som favorece o aparecimento da vogal /i/. No caso da palavra “mais” este acréscimo muda a classe gramatical |
| <i>mermo</i> | 06 | mesmo | Há um rotacismo das consoantes /r/ e /s/ antes de /m/ |
| <i>cum</i> | 07 | com | Ocorreu alteamento da vogal média /o/ para vogal alta /u/ |

Os dados revelam que não é somente no nível fonético/fonológico que ocorrem evoluções. No quadro abaixo podemos observar o fenômeno da variação no nível morfosintático.

| QUADRO DAS EVOLUÇÕES MORFOSSINTÁTICAS | | | |
|---------------------------------------|------|-----------------------|---|
| VARIAÇÕES | PAG. | LÍNGUA PADRÃO | COMENTÁRIOS SOBRE A VARIAÇÃO |
| <i>as laranja</i> | 07 | as laranjas. | Nesses casos o plural está marcado apenas nos determinantes. Com essa estratégia o falante parece querer evitar redundâncias. |
| <i>os anum</i> | 09 | os anuns | |
| <i>as criança</i> | 07 | as crianças | |
| <i>duas pena</i> | 09 | duas penas | |
| <i>aqueles anum</i> | 08 | aqueles anuns falaram | |
| <i>falaro</i> | | | |

No quadro acima, observamos que o plural é marcado apenas nos determinantes. Alguns linguistas explicam que esta é uma construção involuntária, às vezes inconsciente do falante na tentativa de evitar redundâncias. Esta estruturação com marcação de plural apenas no determinante, recorrente na escrita das historinhas do Chico Bento, também é realizada entre falantes da zona urbana. Este fato nos aponta a importância do conhecimento da evolução da língua e das possibilidades de variação, para que não façamos análises preconceituosas e duvidosas a respeito das diversas variantes presentes na linguagem.

3.2 O GÊNERO POEMA

O poema é um gênero que permite ao escritor a utilização de diversos recursos linguísticos como metáforas, aliterações, rimas etc. As palavras de um poema são dispostas de modo a favorecer a elaboração de sentidos conotativos. Isto permite uma multiplicidade de interpretações. Para elaborar sentido para um poema o leitor deve mover sua capacidade imaginativa buscando também seguir as pistas dadas pelo próprio texto tais como os recursos sonoros e metafóricos presentes no poema. No percurso da construção de sentidos, também é importante conhecer um pouco da trajetória e vida do autor visto que o texto possibilita o diálogo entre autor e leitor.

3.3 O POEMA DE PATATIVA DO ASSARÉ (O POETA DA ROÇA)

Patativa do Assaré era o pseudônimo usado por Antônio Gonçalves da Silva, um dos grandes representantes da cultura popular nordestina, que começou a escrever seus repentes e se apresentar nas feiras aos 12 anos, logo após ter sido alfabetizado. Nunca deixou de ser agricultor e de expressar o seu amor pela terra onde viveu.

Como era repentista, seu trabalho tem a forte presença de marcas da oralidade e uma linguagem popular. Vale ressaltar que a prática social do repentista é relevante para apreendermos a língua em seu fluxo oral natural, despreocupado em cumprir a norma padrão, como é possível observar no poema abaixo acessado no site pt.wikipedia.org em 18/03/2014 às 10h:26min.

O poeta da roça

*Sou fio das mata, cantô da mão grossa,
Trabaio na roça, de inverno e de estio
A minha chupana é tapada de barro
Só fumo cigarro de paia de mio.*

*Sou poeta das brenha, não faço papé
De um menestré, ou errante cantô
Que veve vagando, com sua viola,
Cantando, pachola, à procura de amô.*

*Não tenho sabença, pois nunca estudei,
Apenas eu sei o nome assiná.
Meu pai, coitadinho! Vivia sem cobre,
E o fio do pobre não pode estuda.*

*Meu verso rastêro, singelo e sem graça,
Não entra na praça, no rico salão,
Meu verso só entra no campo e na roça,
Nas pobre paioça, da serra ao sertão.*

*Só canto o buliço da vida apertada,
Da lida apertada, da roça e dos eito
E as veis, recordando a feliz mocidade,
Canto uma sodade que mora em meu peito.*

*Eu canto o caboco com suas caçada,
Nas noite assombrada que tudo apavora,
Por dentro da mata, com tanta corage
Topando a visage chamada caipora.*

Eu canto o vaquêro vestido de coro,

*Brigando com o t6ro no mato fechado,
Que pega na ponta do brabo novio,
Ganhando o lugio do dono do gado.*

*Eu canto o mendigo de sujo farrapo,
Coberto de trapo e mochila na m6o,
Que chora pedindo o socorro dos home,
E tomba de fome, sem terra e sem p6o.*

*E assim, sem cobiça dos cofre luzente,
Eu vivo contente e feliz com a sorte,
Morando no campo, sem v6 a cidade
Cantando a verdade das coisa do Norte.*

É importante observar que, como se trata de poema, muitas palavras foram utilizadas com função poética, algumas para fazer rimas com outras palavras. Por este motivo, os poemas de Patativa do Assaré, assim como os quadrinhos do Chico Bento, não são representações fiéis das variedades linguísticas que eles supostamente veiculam. “Não são, nem precisam ser, já que em todas essas manifestações está presente uma intenção lúdica, artística, estética” (BAGNO, 2007, p. 120).

Gêneros como os quadrinhos e poemas como os de Patativa e muitos outros são interessantes para uma análise da evolução da língua, desde que isto seja feito no sentido de compreender os processos de mudança da língua sem fazer disso motivo de estigmatização social. É nesta perspectiva que passamos a observar o quadro abaixo no qual destacamos alguns casos de variação no poema em estudo.

| VARIAÇÃO | LÍNGUA PADRÃO | COMENTÁRIOS SOBRE A VARIAÇÃO |
|---------------------------|-----------------------|---|
| <i>Veve</i> | vive | Houve o rebaixamento da vogal /i/, por influência da vogal /e/, facilitando-se a pronúncia. |
| <i>Sodade chupana</i> | saudade choupana | O caso da redução dos ditongos /au/ e /ou/ pode ser explicado por analogia a <i>aurum>ouro> oro</i> , sabemos que a vogal /a/ desse ditongo tornou-se /o/ por um processo de assimilação, e a passagem de /ou/ para /o/ que é a monotongação deve ter se iniciado ainda em Portugal, no século XVIII. |
| <i>Corage visage papé</i> | coragem visagem papel | Em latim, o /m/ final do acusativo era pronunciado tão debilmente, que acabou por desaparecer na pronúncia do latim |

| | | |
|-----------------|-----------|---|
| <i>menestré</i> | menestrel | vulgar. Este fenômeno revela-se também na língua portuguesa. Nas palavras destacadas, o /m/ final também é pronunciado de forma fraca ou não é pronunciado. Isto justifica o seu desaparecimento. O mesmo pode ser dito da consoante /l/. No final da última sílaba da palavra, o /l/ é muitas vezes pronunciado como /u/. No caso de /papé/ e /menestré/ ele caiu. |
| <i>Lugio</i> | elogio | Ocorreu queda da vogal pretônica desapojada /e/ e o rebaixamento da vogal alta /u/ para vogal média /o/ |

Patativa do Assaré era cearense e a linguagem utilizada por ele em suas músicas pode ser comparada em diversos momentos com a linguagem utilizada nas historinhas do Chico Bento. Isto mostra que as variações postas na fala dos personagens ocorrem em todo o país.

4.0 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA ESCOLA

Acreditamos que o papel mais importante da escola como instituição é formar cidadãos conscientes e críticos, capazes de se expressar de forma crítica através da linguagem. Assim concordamos com BAGNO (2002) quando ele propõe que o ensino de língua na escola deveria propiciar condições para o desenvolvimento pleno de uma educação linguística. Porém, o que vemos em muitas escolas é uma tentativa incessante de manutenção do tradicionalismo no qual o ensino da gramática predomina.

Para que seja mantido esse tradicionalismo, as escolas continuam ensinando regras gramaticais na perspectiva da gramática prescritiva e apresentando a norma padrão como a única modalidade a ser seguida, aceita, e apontando as modalidades variantes como “erradas”. O que a escola cobra distancia-se muito da linguagem falada e escrita em uso real, como o afirma BAGNO (2002, pag.30):

A NP clássica do português, inspirada nos postulados da Gramática Tradicional, ainda hoje define como seu objeto único de estudo e prescrição a língua *escrita*, mais precisamente a língua empregada, com finalidades estéticas, por um conjunto restrito de ficcionistas e poetas. No caso do português do Brasil, o apego à tradição dificulta o conhecimento da língua tal como efetivamente empregada hoje pelos falantes nativos, uma vez que a NP descreve e prescreve usos muito

mais próximos da *realidade linguística falada e escrita antigamente em Portugal, por determinadas camadas sociais.*

A educação como elemento de mobilidade social diretamente ligado a identidade do ser, tem como dever promover meios para valorização da nossa cultura. Neste sentido, as variações linguísticas devem ser trabalhadas porque são parte de uma gramática internalizada, são nossas construções linguísticas próprias como sujeitos participantes da sociedade. Porém, infelizmente, o estudo da variação ainda não tem na escola o espaço que merece. Mesmo quando presente nos livros didáticos, as variações não são trabalhadas e quando são não o são de forma adequada. Este é um desafio a ser enfrentado, pois o tratamento adequado das variações é essencial para a preservação da nossa cultura.

Assim, a educação vai sendo chamada a se mobilizar no sentido de atender as necessidades de uma nova organização social e inserir o estudo das diversas variações linguísticas. Se a língua deve ser entendida como um sistema de sons e significados que se organizam sintaticamente para permitir a interação humana, então as manifestações linguísticas não devem ser consideradas “erradas”, como afirma Bortoni-Ricardo (2004, p.8):

Só se poderia falar em “erro” se cada cidadão errasse, individualmente e de modo particular, no momento de produzir aquele fonema. Como chamar de erro um fenômeno que se verifica de norte a sul do país? Como milhões de falantes conseguiram “combinar” para “errar” todos da mesma maneira nos mesmos contextos fonológicos e morfossintáticos.

É dever do educador estimular ações que contribuam para segurança linguística dos educandos. Deve promover, através de ações metodológicas, o reconhecimento e o respeito às variações. Precisa levar para sala de aula contextos concretos de usos da língua nos quais possam ser constatados exemplos frequentes de variações e mostrar que estas perpassam as mais diversas comunidades linguísticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A linguagem humana reflete também valores sociais. Essa ideologia faz com que os falantes que utilizam variações que se desviam da norma padrão sejam vistos como inferiores na sociedade e também na escola, e a linguagem seja utilizada como um meio classificador dos falantes.

Compreendemos que a imagem social dos falantes que se utilizam de variações é carregada de preconceitos que geram exclusão social, por isso propomos em nosso trabalho o conhecimento da evolução da língua na perspectiva diacrônica. Além disso, questionamos a metodologia de ensino com gêneros como as histórias em quadrinhos e o poema no estudo da variação.

Esta pesquisa aponta para a possibilidade de uma abordagem não discriminatória das variações linguísticas na sala de aula.

Por fim, concluímos que as variações ocorrem simplesmente porque a língua se adequa às necessidades de seus falantes e evolui sempre. São diferentes formas de expressão da língua e devem ser abordadas em contextos interacionais, não devem ser foco de preconceito. Mas devem ser valorizadas como parte da cultura do local onde se concretiza a língua.

Esperamos que nossa pesquisa possa contribuir para que outros estudantes desenvolvam novas pesquisas direcionadas à compreensão do fenômeno da variação dentro e fora da escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSARÉ, Patativa do. *Ispinho e fulô*. – São Paulo: Hedra, 2005.

BAGNO, MARCOS. *Língua materna: Letramento, variação e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

BAGNO, MARCOS. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo. Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, MARCOS. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BORTONI – RICARDO, STELLA MARIS. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo. Parábola Editorial, 2004.

COUTINHO, ISMAEL DE LIMA. *Pontos de gramática histórica*. – Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1976.

Disponível em:<[http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria em quadriinhos no Brasil](http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_em_quadriinhos_no_Brasil)>

Acesso em 20/07/2014

Disponível em:<[http://pt.wikipedia.org/wiki/Mauricio de Sousa](http://pt.wikipedia.org/wiki/Mauricio_de_Sousa)> Acesso em 20/07/2014

Disponível em:<<http://www.legal.blog.br/zine/hq/hq01a.htm>> Acesso em 20/07/2014

MARCUSCHI, LUIZ ANTONIO. *Da fala para escrita: Atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2008.

SOUZA, MAURÍCIO DE. *Chico Bento em: Os três desejos*. São Paulo. Editora Panini Comics. Ed. nº 78, 2013.